

rio de janeiro

primeiro semestre

● doc

revista de literatura

nº1 ano 1 2000

UTOPIA MUSICAL DA IMAGINAÇÃO POÉTICA

1 EXPOSIÇÃO

É frequente nos meios literários como nos meios musicais atribuir uma grande semelhança de carácter entre música e poesia. A explicação mais fácil é mostrar sua vitoriosa parceria na música popular e pop. Mas tal parentesco não é atribuído apenas pela facilidade de encaixe entre as duas artes, é visto no interior de cada prática artística isolada, como se existisse algo de poético na música pura e algo de musical no poema lido. O enorme interesse dos simbolistas pela música e a variedade de *lieds* de compositores alemães compostos para determinados poemas são provas evidentes de alguma relação ainda mal analisada. Além do mais, o trabalho imaginativo do poeta é muitas vezes feito a partir da experiência da audição: nada é mais inspirador para o devaneio do que uma sinfonia ou uma sonata. Recentemente, mesmo a música pop alternativa provoca esse gosto pelo devaneio nos experimentalismos do chamado Rock progressivo.

Qual a semelhança da música com a poesia? Como que a imaginação poética se aproxima da emoção musical? Por que a poesia lírica é o género verbal mais próximo da música e mais imaginativo?

Procuraremos pensar sobre essas questões partindo da diferença básica da lírica em face dos outros géneros literários: sua ausência de narrativa, encontrando nessa característica a importância da imaginação na lírica. Depois passaremos às comparações entre música e poesia, para desembocar na dimensão musical da imaginação poética. Todo esse caminho percorrerá de forma resumida e lacunar sobre muitos problemas, mas o objetivo aqui é mais incitar a riqueza do tema do que esgotar um de seus itens.

2 DESENVOLVIMENTO: LÍRICA.

2.1 Lírica versus narrativa

Se a poesia em sua essência lírica não é narrativa nem descritiva, de que se constitui esse lirismo? Antes de responder a pergunta, é necessário procurar definir o que não seria narrativo em outras expressões artísticas, ou seja, observar quais artes não-verbais ou parcialmente verbais não servem à

narrativa.

Se formos pensar no teatro, cinema, ópera, quadrinhos, perceberemos que todas se estruturam de forma narrativa, com exceção de suas manifestações mais vanguardistas. O videoclip, alguns curta-metragens no cinema e as canções de música pop são exemplos de espécies artísticas que não narram estórias. Parece que são essas espécies não-narrativas as mais sugestivas, metafóricas, e que possuem mais parentescos com a lírica.

Se a narrativa, por um lado, pode ser encarada como a primeira forma de articulação da imaginação nas mitologias, lendas, fábulas, por outro lado, ela direciona e regula a imaginação restringindo a expansão de relações associativas e analógicas por seu imperativo de coerência lógica e inteligibilidade¹. Só na lírica que a imaginação aparece em sua pureza, em busca de um estado subjetivo além do tempo, avesso à qualquer seqüência de acontecimentos inteligíveis². Será que é essa forma pura da imaginação na literatura que ocupa o outro lado das artes como lado anti-narrativo? Podemos chamar esse outro lado de "poesia", em oposição à qualquer "estória".

2.2 Música e lírica dentro da "poesia": o lado anti-narrativo

Se na literatura a lírica é a única forma não-narrativa e puramente imaginativa, portanto, uma exceção, na música todas as formas são não-narrativas, a única exceção é a ópera. Nas artes visuais a superposição de imagens - como ocorre no cinema, quadrinhos e animação - fatalmente leva a uma lógica narrativa quase que de forma inconsciente para o espectador³. Portanto, grande parte das formas cinematográficas são narrativas, excetuando o videoclip e manifestações não-ficcionais, como alguns documentários (e mesmo alguns são baseados numa narrativa histórica ou cronológica). Não é a toa que no cinema o videoclip é singular: é a forma cinematográfica mais ligada à música, praticamente a servindo, e a mais poética, por articular verdadeiras metáforas e metonímias com suas superposições e aglutinações visuais.

A música é constituída, então, de uma matéria artística que repele encadeamentos narrativos e atrai combinações estruturais de seu próprio significante. A recepção de grande parte da música erudita pura se torna, por isso, bem mais árdua para o ouvinte do que a recepção de uma obra literária clássica, pois a linguagem musical, com sua radical formalidade, articulando harmonias, polifonias e estruturas complexas, é um mundo desconhecido para o leigo. Talvez por isso que só exista música popular de duas formas: ou para acompanhar uma letra ou para dançar, ou servir de suporte ao sentido literário ou servir de pretexto à movimentação do corpo (ou a junção das duas) - ambas

possibilidades estranhas a ela mesma, mesmo que lhe combine tão bem.

Etimologicamente, o termo "lírica" se refere à canção entoada ao som da lira, e corresponde à primeira opção de música popular acima exposta. Sua origem vem dessa fusão popular do poema com a música: era um gênero que unia na mesma obra música e literatura (o que corresponde hoje a MPB ou ao Rock, por exemplo). Podemos deduzir que a lírica, enquanto única forma não-narrativa verbal, é o tipo de literatura mais musical, é onde a música se revela na língua, mesmo que seja hoje escrita (vista, lida) e não falava (ouvida).

Se a lírica é a única literatura sem narração, a que mais radicaliza os procedimentos artísticos do devaneio⁴ e a mais musical, pode-se lançar a hipótese de que há um elemento comum entre imaginação, música e lírica, ou uma vizinhança muito estreita entre a faculdade mental mais livre, a arte dos sons e a arte dos versos. Para explorar essa vertente, cumpre esclarecer cada uma dessas ligações, começando por indagar por que a imaginação está tão presente na poesia lírica.

2.3 Imaginação e lírica

O trabalho da imaginação no interior do texto poético é tão substancial que atividade poética e imaginação processam uma relação simbiótica, segundo a definição de "poesia" como a dimensão da mais sutil da realidade captada por um vigor estético do espírito independente do poema. Nesse caso, a imaginação aflora a própria poesia inerente às coisas, como sua realidade mais profunda. Mas por que a "poesia", descoberta pela imaginação, é melhor representada no poema? Será por ser a composição lírica o laboratório privilegiado da atividade imaginativa? Por que não o é as artes plásticas, por exemplo, que lidam diretamente com a imagem em toda sua materialidade? Seria a imaginação verbal, e não a visual, a imaginação por excelência?

Talvez não valha a pena dar uma resposta a tais perguntas, esquivando-se do risco de valorizar indevidamente a poesia em relação às outras artes. Mas, sem efetuar esse tipo de juízo, podemos explicar porque essa idéia é preponderante, mesmo que não seja necessariamente a verdadeira.

A imaginação não depende da imagem visual da mesma maneira que o pensamento depende da língua. Uma imagem, por princípio, não precisa ser somente visual, pode ser também musical, sonora, olfativa, tátil, gustativa. A imaginação não parte só da visão, e sim de todos os níveis da sensibilidade. A língua, por conseguinte, manipula a matéria fônica e gráfica apenas de forma arbitrária. A significação das palavras não tem nada a ver com sua forma fônico-gráfica. A fonologia recorta um pequeno microcosmo das possibilidades

sonoras da voz, assim como a grafia define um número mínimo de formas geométricas, e ambas, conjugadas, servem para representar nada menos que toda a percepção e cognição do homem com suas combinações. Assim, a língua na poesia não é, como a música e as artes plásticas, um jogo de matérias formais, é um jogo de signos estruturais que fazem significar todas as percepções do homem com o máximo de representatividade possível.

A língua é, então, o instrumento mais abrangente para a atividade imaginativa, e a poesia lírica é o gênero onde a liberação da imaginação é radicalizada pela liberação de hábitos lingüísticos através de diversos processos de desvio no interior da estrutura verbal⁵.

Desabituar convenções lingüísticas não é outra coisa senão desabituar o pensamento através da imaginação. Esse trabalho metalingüístico da poesia é diferente da filosofia, que desabitua a opinião com o trabalho rigoroso do pensamento por ele mesmo, necessitando de todas as convenções da língua padrão. O pensamento poético é regido pela "lógica" da imaginação, diferente da fala, que é regida por uma série de codificações da realidade, e da filosofia, que articula a lógica formal, a lógica dialética ou, recentemente, a desconstrutiva, todas exercícios do pensamento na língua. A poesia, ao contrário, é um exercício da *língua no pensamento*, da imaginação no entendimento, apontando sempre um *para além* do inteligível.

Se a poesia constitui o veículo privilegiado para o exercício imaginativo, o que dizer da música? Será que a articulação rítmica e harmônica leva facilmente o ouvinte ao devaneio devido a uma sugestibilidade poética?

2.4 Relações entre música e poesia

Em relação às outras artes é comum ouvir dizer que a música é a mais emotiva. No cinema ela desempenha justamente a função de direcionar estados emocionais no espectador, já que ela "não é entendida pelo público de maneira direta, mas irracionalmente, emotivamente, individualmente"⁶. Parece ser muita coincidência o fato de que tais características são equivalentemente estabelecidas para definir a lírica. A lírica é uma expressão do eu, da subjetividade na maneira como ela tem de se entender a si mesma da forma mais penetrante⁷.

A música, com seu caráter estrutural extremamente matemático e não significativo sustenta o paradoxo de ser a matéria artística mais sugestiva, seja para reminiscências, seja para entusiasmos e efusões de ânimo. Ela é simultaneamente a arte mais rigorosa, exata e mais insinuante, fugidia, pois seu significante é absolutamente combinatório e o efeito receptivo é absolutamente subjetivo.

Transpondo toda essa especificação da música em relação às outras matérias de expressão estética para a dimensão interna da literatura, descobrimos que o diferencial da música na estética corresponde ao diferencial da lírica na literatura. É na lírica que a literatura se torna mais exata, combinatória e material no plano dos meios de produção, ao mesmo tempo em que se torna mais indefinida, incerta, vaga, nebulosa, ambígua e subjetiva no plano dos efeitos de recepção.

A grande diferença entre a lírica e a música está na densidade de significação. Se a lírica é vaga por portar um excesso de significado em suas relações morfológicas e semânticas, a música é vaga por não ter nenhum significado, por se constituir somente de puros significantes⁸. Excessos opostos podem provocar o mesmo efeito no entendimento. O entendimento claro só é possível num ponto médio ideal para se estabelecer uma comunicação onde há relativa segurança na passagem de informações, como no diálogo da língua falada (troca no mínimo fática), na descrição (ato de construção da representação) ou na narrativa (intercâmbio de experiências), enfim, todas manifestações literárias não-líricas.

Essa é a grande diferença da forma de conteúdo (segundo a diferenciação de Helmslev) entre as duas artes menos inteligíveis (poesia e música), vinda, naturalmente, da forma de expressão (morfologia na lírica e construções harmônico-contrapontísticas na música) estruturada a partir da substância de expressão (imagem fônica na língua e som concreto, acústico ou eletrônico, na música). Portanto podemos dizer que a substância de conteúdo da lírica e da música se aparentam intimamente, mesmo se diferenciando nos outros níveis de linguagem.

3 SÍNTESE: MÚSICA, IMAGINAÇÃO E BUSCA POÉTICA

A ausência de sentido da música tem, no meio dessa intimidade da poesia com a imaginação, uma posição pouco refletida na questão, mas de suma importância. Se existe uma imaginação musical, ela é puramente formal, "uma imaginação matemática", poder-se-ia dizer (refiro-me só à produção, já que a recepção musical é uma das mais sugestivas). Portanto, seria a imaginação artística mais limitada, ou, no mínimo, a menos distensa. Por isso que analisar em detalhe uma peça musical é descortinar suas complexidades combinatórias. Assim, a imaginação da produção musical nos leva para o interior da própria composição, para dentro da própria matéria musical manipulada. Com a poesia ocorre o oposto, mas precisamente devido à sua musicalidade.

Se existe algo de musical na imaginação poética é, justamente, o desejo intrínseco à atividade poética de tocar numa dimensão não-verbal, para

além da língua e do pensamento. A música da poesia provoca um rito verbal, com seu ritmo e sua melodia, que desponta do excesso de sentido, do excesso de sinestésias, tentando alcançar uma experiência do desconhecido, ou do irrepresentável, inteligível, insensível, inimaginável. Essa musicalidade não vem só de jogos fônicos e métricos: é principalmente uma música do sentido, da metáfora, do pensamento, que leva ao ápice da percepção mental do real. O cume de cada uma dessas articulações lingüísticas se torna um só ponto que nega a própria língua.

Digamos que essa é a utopia musical da imaginação poética: encontrar na densidade polifônica máxima das faculdades mentais o *inumano*.

¹ BREMOND, Claude. *Logique du recit*. Paris: Seuil, 1973.

² LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso. da poesia e da narrativa*. Coimbra: Almedina, 1980, p. 155.

³ METZ, Christian. *A significação no cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p.62-63: "Mas por que será que, devido a um estranho corolário, duas fotos justapostas sejam obrigadas a narrar alguma coisa? Passar de uma imagem a duas imagens, é passar da imagem à linguagem".

⁴ BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p.5: "É pela intencionalidade da imaginação poética que a alma do poeta encontra a abertura consciencial de toda verdadeira poesia".

⁵ COHEN, Jean. *Estrutura da linguagem poética*. São Paulo: Cultrix, 1974, p.45: "(A poesia) constitui-se como violação sistemática do código da linguagem, porque cada figura se especifica como infração a uma das regras que compõem esse código. Para nós, a poesia não é prosa *mais* alguma coisa. É antiprosa."

⁶ TURNER, Graeme. *O cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997, p.65.

⁷ HEGEL, G.W.F.. *Poética*. Buenos Aires: Austral, 1947, p.31: "El objeto verdadero de la poesía es el imperio infinito del espíritu. Y de todos los materiales del arte, el que más conviene al espíritu, el más capaz de expresar sus intereses y todos los movimientos de su vida íntima..."

⁸ SEIXO, Maria Alzira (org.). *Semiologia da música*. Lisboa: Veja.